

*Eu googlo, tu googlas, ele/ela googla...*



Em entrevista recente ao *Der Spiegel*, o filósofo, semiólogo e romancista Umberto Eco afirmou que para os jovens o Google é “uma tragédia”. De acordo com o que retiro das palavras de Eco, as pesquisas realizadas no Google comportariam o risco de facilitarem e promoverem o acesso a informação muitas vezes incorrecta ou incompleta, embora apresentada como se de um conjunto de dados fidedignos se tratasse.

O disfemismo usado por Umberto Eco – não posso considerá-lo de outra forma – reflecte algumas das preocupações sentidas, em geral, pelos professores. É bem verdade que as listagens realizadas pela Google a respeito dos termos pesquisados são anárquicas, despidas de critério ou de controlo relativamente à sua fiabilidade ou importância. Também é verdade que, como afirma Eco, estas listas podem ser mais perigosas para aqueles que estejam menos preparados para conseguirem fazer a triagem entre as diversas fontes, seleccionando apenas as informações confiáveis e úteis e afastando todas as outras. É, ou pode ser, o caso dos mais jovens, mas não só.

Para obstar a este risco, e ainda segundo Eco, a função das escolas é ensinar a “arte da discriminação”. Estou de acordo. No entanto, pergunto-me, não o foi sempre? Não é também este o papel dos professores no que respeita a todas as outras fontes, seja qual for o formato ou o veículo por que chegam aos estudantes? Não estarão estes sujeitos aos mesmos riscos, porventura apenas menos extensos, quando se dirigem a uma biblioteca ou a uma livraria? Não é necessário, aí também, saber fazer a triagem e eliminar os riscos da incorrecção?

Algo difícilimo, a meu ver, de comunicar é o prazer da investigação, o proveito da persistência nas pesquisas, a emoção breve mas intensa do momento em que se alcançam respostas para as perguntas de que se partiu. Como transmitir a estudantes, não correndo o risco de entrever sorrisos trocistas na audiência, que este momento pode ser portador de tanto gozo quanto dançar ou ouvir uma melodia de que muito se gosta?

Está de algum modo instalada a cultura do imediato, do acesso fácil, de preferência livre. Não o afirmo como uma crítica. Até Eco reconhece que cultura não é saber quando morreu Napoleão mas saber como posso descobrir isso em dois minutos. E a Internet, de que a referência à Google é mera sinédoque, pode ser neste quadro um instrumento valioso, sobretudo se usado de modo crítico e atento.

Não sou, em geral, apologista de perspectivas catastróficas relativamente ao uso dos meios de comunicação e informação. Eu “googlo” quase todos os dias e também “wikipedio” muitas vezes. É hoje normal a utilização destes instrumentos nas escolas e nas universidades, pelos estudantes e pelos profissionais das mais diversas áreas. Na investigação, incluindo a jurídica, tornaram-se normais e já ninguém ousa rejeitar, apenas pela proveniência, um texto retirado da Internet.

Apregoa-se o maior risco de plágio, o que é inteiramente verdade porque outros instrumentos, aqueles que permitem cortar e colar, o tornam menos trabalhoso. Porém, também se tornou mais simples a detecção do plágio, quer porque há programas especialmente destinados a este controlo, quer porque todos temos acesso aos mesmos materiais e aos mesmos instrumentos de pesquisa. Mais importante do que preocuparmo-nos com a possibilidade de um trabalho não ser original é sensibilizarmos devidamente os tais jovens de que fala Eco para a desonestidade do acto e, a final, o resultado infrutífero do mesmo para aquilo que é importante – a aprendizagem e o saber (sendo certo que sensibilizá-los deste último é muito mais difícil).

É quase inevitável que o uso da Internet por milhões, que não apenas consomem informação mas a divulgam, citam, comentam e editam em páginas pessoais, blogues, fóruns ou redes sociais como o *Facebook*, torne mais fácil a circulação e a perpetuação de informações incorrectas ou incompletas. Como é inevitável que se olhe para toda esta informação de modo desconfiado e isso seja salutar e até um bom exercício se nos impulsionar a continuar a pesquisa, na Internet e fora dela. Na mesma entrevista, Umberto Eco sugere que se dez páginas disserem a mesma coisa, pode ser sinal de que essa informação está correcta. Mas isso também pode acontecer porque alguns sítios se limitaram a copiar os erros dos outros.

Nada disto é inteiramente novo mas apenas mais comum actualmente. Todo o cuidado é pouco, portanto, e um olhar crítico é sempre necessário. Dito isto, e apesar daquelas inevitabilidades, recuso-me a chamar-lhe tragédia. Recordo que mesmo a Biblioteca de Babel, que se proclamava abarcar todos os livros, era fonte de riscos e de sentimentos diversos, da extravagante felicidade à depressão profunda. Para quem o conhece, um texto magnífico, com sentidos muito diversos e a que vale a pena voltar com frequência. Para quem não conhece, uma referência com cerca de 239.000 resultados no Google.

Lisboa, 4 de Junho de 2010

Cláudia Trabuco